

almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #19 (tomo 2) Jan. 2015



Ânforas “Carrot”

evidência de um consumo
exótico na Lusitânia interior

O Povoamento da Região
de Reguengos de Monsaraz
nos IV e III milénios a.C.

A Cerâmica Comum Portuguesa
no Atlântico Norte
(séculos XVII-XVIII)



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

RESUMO

Palestra proferida pelo autor a propósito do povoamento da região de Reguengos de Monsaraz nos IV e III milénios a.C., visando assinalar 50 anos passados sobre os primeiros estudos sistemáticos dedicados aos monumentos megalíticos não funerários do Alentejo. Destacam-se as principais fases de investigação até ao presente, os protagonistas e os sítios identificados mais relevantes, com a correspondente bibliografia.

PALAVRAS CHAVE: Pré-História; Megalitismo; Alentejo.

ABSTRACT

Talk on the occupation of the Reguengos de Monsaraz region in the 4th and 3rd millenniums BC, given by the author to celebrate the 50th anniversary of the first systematic studies of non-funerary Megalithic monuments of the Alentejo.

The highlights are the main research phases up until the present, the people involved and the most significant sites identified, all documented by related bibliography.

KEY WORDS: Prehistory; Megalithism; Alentejo.

RÉSUMÉ

Communication réalisée par l'auteur au sujet du peuplement de la région de Reguengos de Monsaraz aux IV^e et III^e millénaires a. JC, visant à signaler 50 années passées sur les premières études systématiques dédiées aux monuments mégalithiques non funéraires de l'Alentejo.

Sont mises en relief les principales phases de recherche jusqu'à nos jours, les protagonistes et les sites identifiés comme les plus représentatifs, avec la bibliographie correspondante.

MOTS CLÉS: Préhistoire; Mégalithisme; Alentejo.

Nos 50 Anos da Identificação do Megalitismo Não Funerário Alentejano

o povoamento da região de Reguengos de Monsaraz nos IV e III milénios a.C.

João Luís Cardoso ¹

1. OS PRIMÓRDIOS DO ESTUDO DO MEGALITISMO NO ALTO ALENTEJO

Os primeiros estudos sistemáticos de registo e inventariação do megalitismo norte alentejano devem-se a Pereira da Costa; para além do registo de dezenas de dólmenes alentejanos em dez belas pranchas litográficas (Fig. 1), destinadas a álbum que nunca se publicou sobre a arqueologia portuguesa, a ser presente à Exposição Universal de Paris (CARREIRA e CARDOSO, 1996), importa destacar a monografia pioneira sobre tais monumentos, especialmente da região de Castelo de Vide (COSTA, 1868), que constituiu uma das primeiras obras europeias no seu género.

Logo a seguir, importa destacar os contributos de Gabriel Pereira, através da publicação de folhetos temáticos avulsos, sobre temas de arqueologia da região de Évora, entre os quais um dedicado ao dólmen da Candieira, na serra de Ossa, depois reunidos em livro. Este monumento é igualmente valorizado por E. Cartailhac, que o reproduz na sua obra *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (CARTAILHAC, 1886), devido ao facto de ser o único dólmen conhecido no território português que ostenta num dos esteios uma abertura subquadrangular, cuja cronologia se desconhece, mas que poderia ser interpretada como o “buraco para a alma” e deste modo ser de época pré-histórica (Fig. 2). Contudo, a alternativa de se tratar de abertura moderna, relacionada com reutilização da câmara do monumento, afigura-se mais provável, até pelo carácter único da ocorrência.

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta.

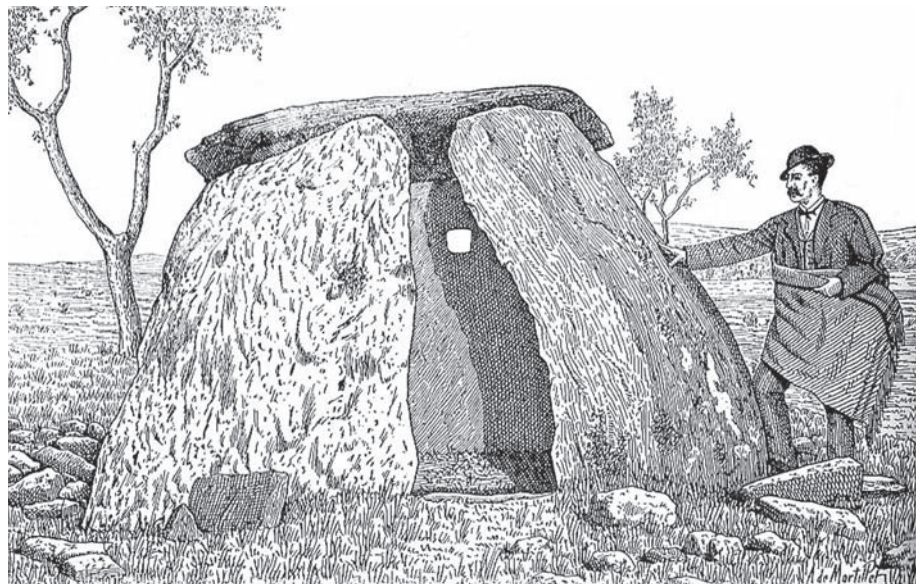
O texto reproduz palestra proferida a 14 de Junho de 2014 na Biblioteca Municipal de Reguengos de Monsaraz, no âmbito das actividades do Centro Local de Aprendizagem da Universidade Aberta.



FIGS. 1 E 2 – Em cima, prancha litográfica executada sob direcção de F. A. Pereira da Costa, destinada a publicação em catálogo sobre a Pré-História portuguesa a apresentar na Exposição Universal de Paris de 1867 (arquivo de J. L. Cardoso).

À direita, anta da Candieira (Évora) com abertura num dos esteios (segundo CARTAILHAC, 1886).

2. O SÉCULO XX: A PLENA DEMONSTRAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO MEGALITISMO FUNERÁRIO DO TERRITÓRIO DE REGUENGOS



Georg e Vera Leisner foram os dois arqueólogos que, no decurso da primeira metade do século XX, mais contribuíram para o conhecimento do megalitismo alentejano. Remontam à década de 1930 os primórdios das investigações do casal de arqueólogos alemães (Fig. 3). Os antecedentes imediatos do seu trabalho no concelho de Reguengos de Monsaraz têm de procurar-se na Andaluzia, de que resultou a publicação, em 1943 da obra *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Suden*, que pressupunha a continuação para Oeste das suas investigações. A sua primeira publicação remonta a 1940, tendo sido dedicada ao dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo, no vizinho concelho de Évora (LEISNER, 1940), logo seguida, em 1942, por artigo de síntese publicado na revista *Ethnos*, dirigida pelo Prof. Manuel Hele-

no, que, no decurso da 2.^a Guerra Mundial muito contribuiu para assegurar as condições necessárias à presença dos dois investigadores em Portugal (LEISNER, 1942). Contudo, importa não esquecer que a relação de Georg Leisner com o megalitismo do ocidente peninsular remonta a 1938, ano em que defendeu, na Universidade de Marburg, a sua tese de doutoramento sobre o megalitismo galaico-português. Dos trabalhos de reconhecimento de campo de monumentos megalíticos realizados a partir de 1943 no concelho de Reguengos resultou célebre monografia editada em 1951 (LEISNER e LEISNER, 1951), na qual se apresenta a cartografia arqueológica das antas de Reguengos, cuja escavação criteriosa e sistemática remonta a 1946. Dos 135 dólmenes actualmente identificados no concelho de Reguengos pelos

FIGS. 3 E 4 – À direita, Georg e Vera Leisner com Manuel Heleno e Hugo Obermaier aquando da exploração das antas alentejanas, na década de 1930, fotografados por Vera Leisner na Herdade do Azinhal (Coruche). Heleno encontra-se de frente para o observador, ao lado de Obermaier; Leisner apresenta-se de perfil, voltado para trás. Arquivo Leisner / Instituto Arqueológico Alemão / Delegação de Madrid (negativo D-DAI-MAD-LEIV-LEI-03-028).

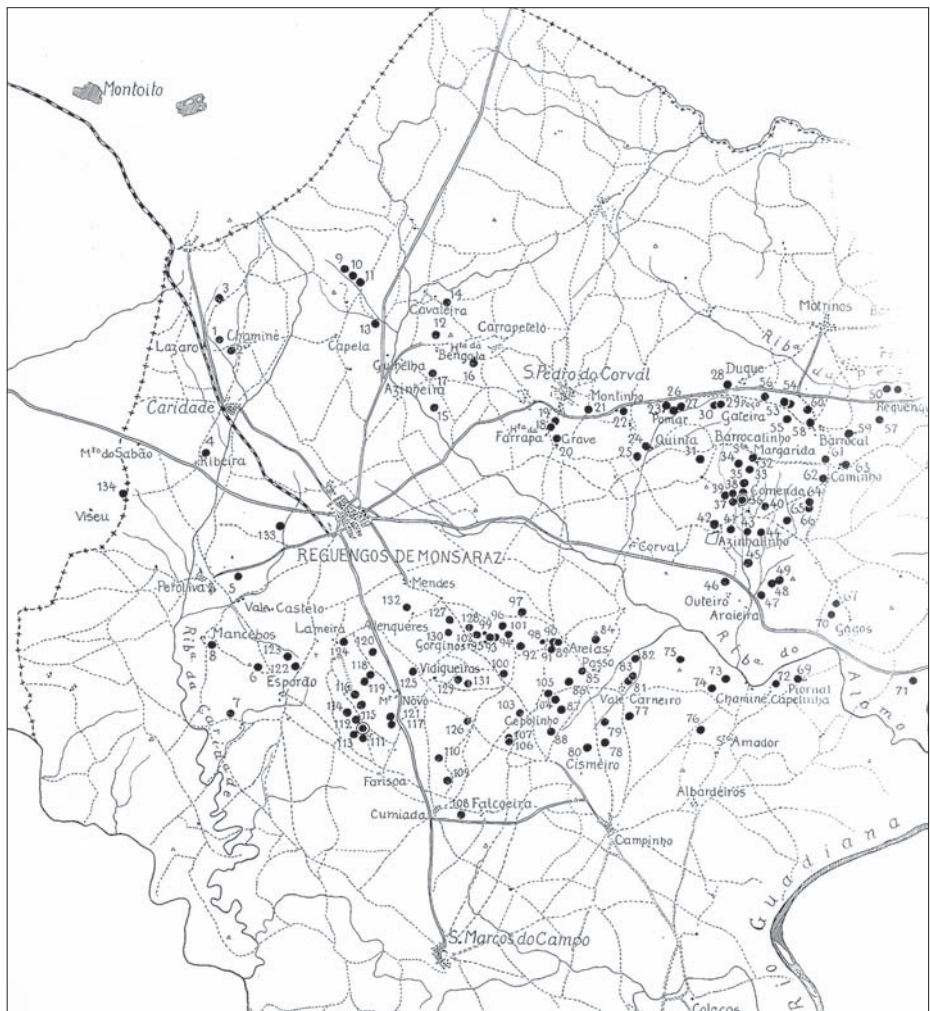
Em baixo, distribuição geográfica dos monumentos dolménicos do concelho de Reguengos de Monsaraz realizada por G. e V. Leisner (segundo LEISNER e LEISNER, 1951).



Leisner, 133 tinham sido já referenciados pelos dois arqueólogos alemães, o que prova bem a qualidade das suas prospecções (Fig. 4). A identificação dos dois restantes resultou dos trabalhos realizados no âmbito da minimização dos impactos arqueológicos do projecto do Alqueva, devendo-se a sua referenciação a Carlos Tavares da Silva (GONÇALVES, 2013).

Os Leisner só escavaram os monumentos dolménicos que consideraram mais promissores, com base no estado de conservação, até porque as suas dotações orçamentais eram insignificantes, mesmo para a época, obrigando-os, por razões logísticas, a alojarem-se nos “montes” cedidos pelos proprietários, vivendo semanas a fio no campo, sujeitos às condições alimentares e sanitárias de qualquer camponês assalariado desse tempo; no total, em 2000 (ano das últimas escavações em dólmenes do concelho de Reguengos), apenas 46 dólmenes se encontravam explorados, o que evidencia bem que a grande maioria deles se conserva por escavar, sem contar com aqueles que entretanto foram destruídos.

As conclusões mais importantes do estudo publicado pelos Leisner em 1951 podem resumir-se aos seguintes aspectos:



– A admissibilidade da evolução local do fenómeno megalítico, indo ao encontro da posição de Manuel Heleno para a região de Montemor-Ciborro, com base na correlação entre as seqüências arquitectónicas e os respectivos espólios funerários; assim, a etapa mais antiga do megalitismo estaria representada por monumentos fechados, ou

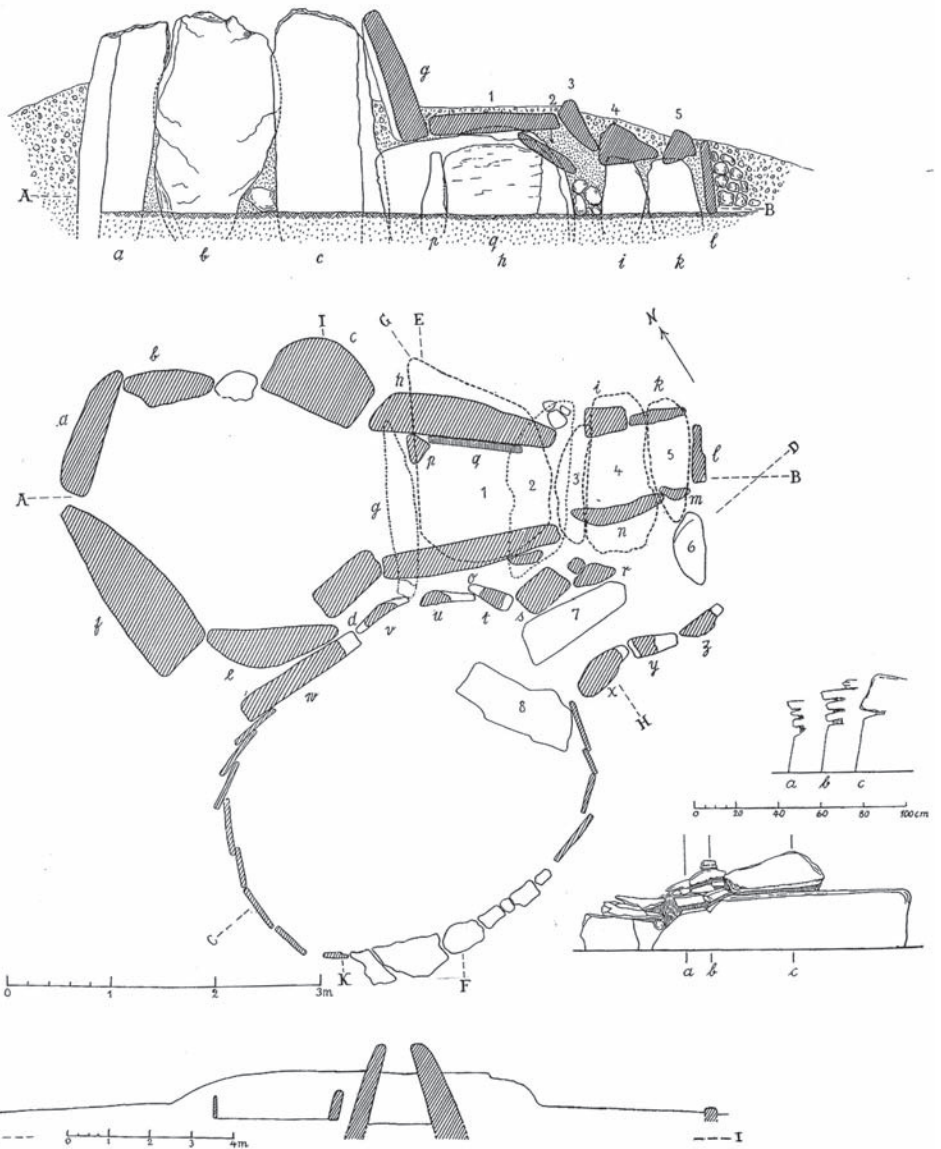


FIG. 5 – Anta e *tholos* da Comenda, evidenciando-se a anterioridade da construção da anta face ao sepulcro de falsa cúpula, conforme foi demonstrado por G. e V. Leisner (segundo LEISNER e LEISNER, 1951).

de corredor simples, com apenas um esteio de cada lado, e câmaras poligonais, dos quais o mais importante é a anta 1 do Poço da Gaiteira, o único monumento encontrado intacto, com um conjunto de vasos alinhados no seu interior, machados primitivos e enxós, lâminas não retocadas e micrólitos, destacando-se a ausência de pontas de seta e de placas de xisto, que só aparecem posteriormente, no Neolítico Final. Deste modo, este monumento representaria os últimos estádios do Neolítico Médio regional, cuja cronologia ocuparia parte da primeira metade do IV milénio a.C.;

– A negação de influências orientais que, à época, constituíam a teoria dominante para explicar a própria existência das antas, consideradas toscas imitações dos sepulcros micênicos (DANIEL, 1941); com efeito, coube aos Leisner demonstrar cabalmente a independência entre a construção de dólmenes e de sepulturas de falsa cúpula, de origens culturais distintas, comprovada pelas evidências recolhidas nos dólmenes da Comenda e da Farisoa, aos quais se associaram duas sepulturas de falsa cúpula, mais modernas (Fig. 5). Tal demonstração, veio, aliás, comprovar plenamente as afirmações que no mesmo sentido tinham sido já apresentadas por Estácio da Veiga, muitos anos antes, a propósito das suas escavações na necrópole de Alcalar (VEIGA, 1889 e 1891). As *tholoi*, de que as duas referidas foram as primeiras ocorrências registadas na região de Reguengos, são construções caracteristicamente calcólicas, associando-se às primeiras sociedades metalúrgicas, relacionadas com a presença e exploração de mineralizações de cobre no Alto Alentejo (VIANA e FERREIRA, 1956);

– A distribuição dispersa das antas, sem revelar nenhuma concentração evidente susceptível de corresponder a uma verdadeira necrópole; de facto, os monumentos distribuem-se perto das linhas de água, e ainda em pequenos outeiros ou encostas suaves. Esta realidade foi posteriormente confirmada por Victor S. Gonçalves, que notou que a visibilidade de e para os monumentos não constituía aspecto determinante para a escolha do local da sua implantação (GONÇALVES, 2013).

A investigação do megalitismo funerário no concelho de Reguengos, depois da fase brilhante corporizada pelos Leisner, foi prosseguida por Henrique Leonor Pina, nos inícios da década de 1960. Do trabalho individual por ele desenvolvido resultou a escavação de vários monumentos dolmênicos previamente identificados pelo casal alemão. Estão neste caso as antas da Herdade do Duque (PINA, 1961) e da Azinheira (PINA, 1963). No entanto, os resultados obtidos pouco mais acrescentaram ao que já se sabia do megalitismo da região.

No decurso das duas décadas seguintes não se voltaria a escavar uma anta no concelho de Reguengos, voltando-se as atenções para a descoberta das espectaculares manifestações do megalitismo não funerário, representadas por menires e cromleques, até então totalmente desconhecidos, em resultado dos Leisner terem focalizado exclusivamente a sua atenção na identificação de antas.

**3. A DÉCADA DE 1960 E A
DESCOBERTA DA EXCEPCIONAL IMPORTÂNCIA
DO MEGALITISMO NÃO FUNERÁRIO:
MENIRES ISOLADOS E CROMELEQUES**

José Pires Gonçalves, depois de ter acompanhado Georg e Vera Leisner nas suas escavações, não mais deixou de se interessar pela Pré-História de Reguengos de Monsaraz, conjuntamente com Henrique Leonor Pina: deve-se-lhes a descoberta do megalitismo não funerário no concelho de Reguengos, na sequência da identificação, em 1964, por Henrique Leonor Pina, do célebre cromeleque dos Almendres, que constituiu verdadeiro marco no início das investigações do megalitismo não funerário da região. Neste ano de 2014 perfaz cinquenta anos.

Aqueles dois investigadores identificaram no concelho de Reguengos de Monsaraz diversos menires e cromeleques, destacando-se os seguintes (GONÇALVES, 1970; PINA, 1971):

- O menir fálico do Outeiro-Barrada, com 5,60 m de comprimento e o peso de cerca de oito toneladas, o qual foi na altura colocado em posição vertical (Fig. 6);
- O cromeleque do Monte da Ribeira, identificado em 1967. Trata-se de um conjunto de pelo menos 16 menires (GOMES, 2000: 121) que não ultrapassam dois metros de comprimento, a cerca de dois quilómetros de Reguengos, perto da estrada que vai para Monsaraz;
- O menir insculturado da Bulhóa ou Belhóa, identificado em 1967, o qual, depois de colocado de novo na posição vertical, em 1970, para a visita dos participantes do II Congresso Nacional de Arqueologia (Fig. 7) (GONÇALVES, 1972: 497) revelou, uma notável decoração, só evidenciada pela luz rasante;
- O cromeleque da Herdade do Xarez, com cerca de 50 menires, e um grande menir fálico com mais de quatro metros de altura e o peso aproximado de sete toneladas, identificado em 1968 ou 1969, a que se veio juntar a descoberta de mais cerca de dez monólitos, também eles deslocados pela maquinaria agrícola das suas posições originais, a escassas centenas de metros do conjunto anterior, noticiada em 1975 por José Pires GONÇALVES (1972 e 1975);



FIGS. 6 E 7 – Em cima, menir fálico do Outeiro aquando do seu erguimento do solo (Arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso).
À direita, menir insculturado de Belhóa ou Bulhóa (Arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso).

– O conjunto de seis menires na Herdade dos Perdigões, dispondo-se numa estreita faixa com cerca de 250 m de comprimento, na direcção SW-NE, a cerca de dois quilómetros de Reguengos, a que se juntou um outro menir, a cerca de 300 m a NE dos já referidos, avultando o menir maior, com cerca de quatro metros de comprimento, de forma fálca (GONÇALVES, 1975: 14).

A década de 1980 correspondeu ao desenvolvimento desta linha de investigação, com a intervenção de Mário Varela Gomes no conjunto de menires dos Perdigões, que atribuiu a um vasto cromeleque, cujo espaço foi ocupado no Neolítico Final, através de um povoado de encosta onde se recolheu espólio característico (taça carenada, pesos paralelepípedicos, elementos de moagem, indústrias líticas). No Calcolítico, o espaço foi de novo ocupado através de um povoado fortificado implantado no topo da elevação, conforme evidenciam os materiais recolhidos (pratos de bordo “almendrado”, crescentes de cerâmica, cadinhos para a fundição do cobre) (GOMES, 2003). Segundo o autor, foi nessa altura que se observaram destruições no conjunto de menires dos Perdigões, com a fracturação de alguns menires e o derrube de outros, embora um deles, de forma estelar (menir 5), tivesse sido incluído “no centro de estrutura com planta de forma rectangular ou de pórtico, dado ser provida de apenas três lados, formada por muro baixo e totalmente pavimentada com pequenas lajes de xisto” (GOMES, 2003: 326) (Fig. 8). O cunho ritual desta estrutura encontra-se sublinhado pela existência de uma lareira ateadada defronte do menir, associada a fragmentos de vasos que terão constituído ou guardado oferendas.

As investigações no domínio do megalitismo não funerário prosseguiram em outros locais do concelho de Reguengos. Em 1987 Mário Varela Gomes dirigiu a escavação do menir da Herdade das Vidiueiras, identificado por José Pires Gonçalves em 1971, onde se evidencia a presença de um báculo insculturado (GOMES, 1997a), tendo também publicado expressiva foto do menir de Santa Margarida, situado mesmo na berma da estrada de Reguengos para Monsaraz (GOMES, 1994: Est. 1, n.º 2), objecto de recuperação ulterior a cargo da autarquia.

As investigações do megalitismo não funerário ocuparam também outros arqueólogos, como Victor S. Gonçalves, que identificou e estudou a estela-menir do Monte da Ribeira (GONÇALVES, BALBÍN-BEHRMANN e BUENO-RAMÍREZ, 1997). Trata-se de um grande monólito com o comprimento de 4,7 metros, o qual, na altura da descoberta, já tinha sido removido da posição que inicialmente ocupava

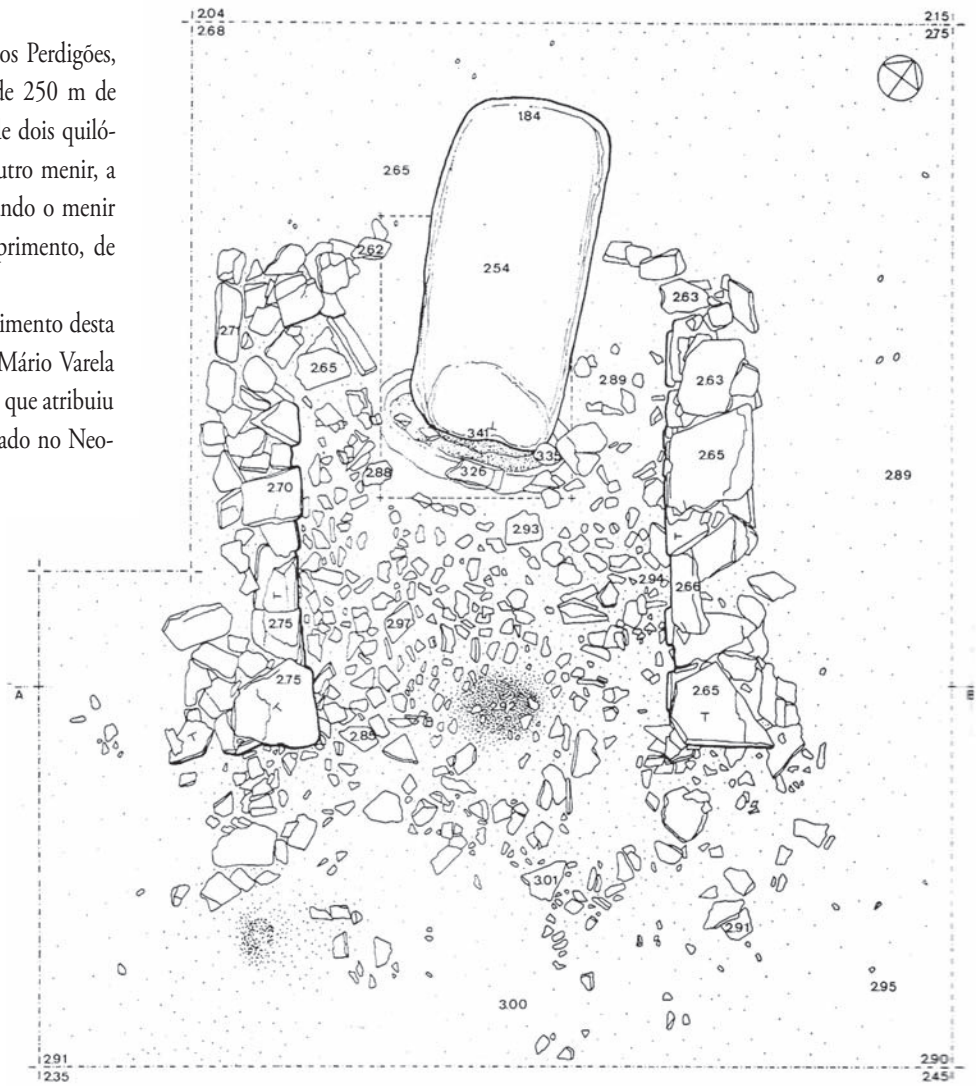
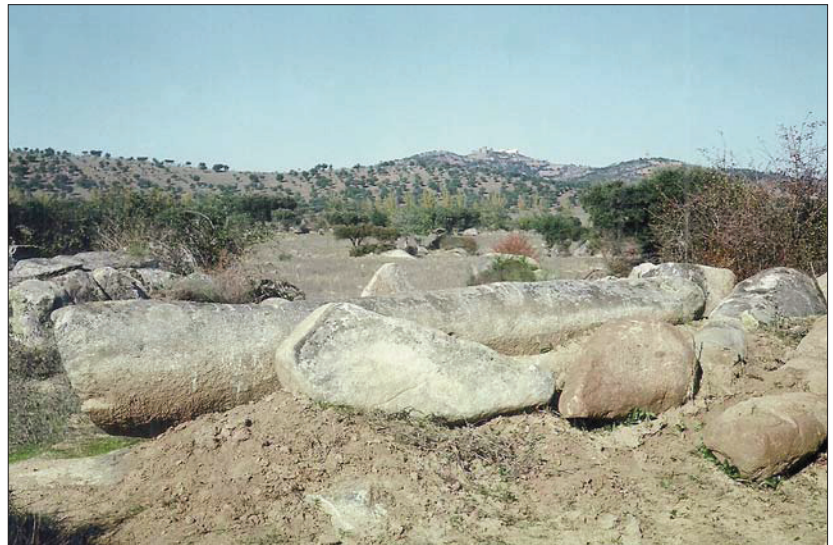
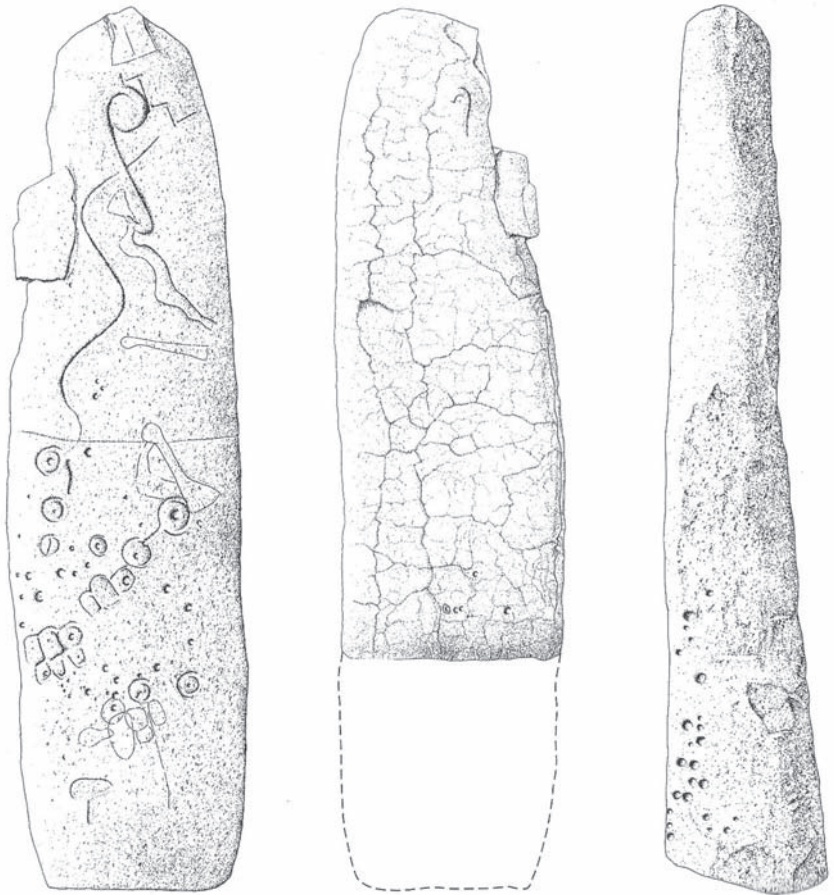


FIG. 8 – Estrutura calcolítica identificada junto ao embasamento de um dos menires dos Perdigões, defronte do qual foi ateadado fogo ritual (segundo GOMES, 2003).

no terreno. Possui secção achatada (que justificou a designação de estela), apresentando-se insculturado especialmente numa das faces, com destaque para um báculo, dois machados e uma cobra, obtidos por diversas técnicas decorativas (Fig. 9).

A última intervenção no âmbito do megalitismo não funerário de Reguengos realizou-se no conjunto do Xarez, identificado por José Pires Gonçalves (GOMES, 2000: 27), em 1998, no âmbito da minimização dos impactes arqueológicos decorrentes da construção da barragem de Alqueva. Como se disse, os menires encontravam-se, aquando da sua identificação, removidos das posições primitivas, em resultado de despedrega para melhor aproveitamento agrícola dos solos (Fig. 10). A primeira intervenção foi realizada logo após a identificação do conjunto, por José Pires Gonçalves, que para o efeito contou com a inestimável colaboração de um residente em Reguengos, o Senhor Humberto Ramalho, que levantou topograficamente uma planta dos escassos menires que se consideraram ainda próximo

dos seus locais primitivos de implantação. A planta então realizada evoca um circuito quadrangular, ocupando o centro o grande menir fálico e decorado. No entanto, este foi o único cujas fundações, constituídas por estrutura de sustentação de vários blocos líticos, foram devidamente identificadas (Fig. 11). Deste modo, a reconstituição de Pires Gonçalves carece de confirmação. Elemento determinante para a apreciação desta questão é o testemunho directo do então proprietário da Herdade do Xarez, o Prof. Raul Rosado Fernandes, que em carta dirigida ao jornal *Público*, publicada a 18 de Agosto de 2004, já depois das escavações realizadas em 1998, que puseram a descoberto toda a extensão do substrato geológico sobre o qual se colocaram os menires, mas sem identificar nenhuma fundação de qualquer deles declara: “Foi um amigo meu, eng. Leonel Franco, que, quando ali caçava, identificou vários menires, completamente dispersos pela despedrega que eu tinha mandado fazer. Decidimos, eu e o dr. Pires [José Pires Gonçalves], mandar os meus tractores erigir os 43 menires encontrados, em quadrado, e não em círculo, porque era mais fácil para as lavouras [...]. Estavam todos próximos uns dos outros e o maior tem uma base que foi identificada e sobre a qual foi levantado. De resto nada mais se sabe, a menos que se invente”. O mesmo catedrático da Universidade de Lisboa, em artigo publicado no volume de Homenagem a Mário de Albuquerque, reitera a mesma informação (FERNANDES, 2009), sob o sugestivo título *O Mistério do Cromeleque do Xarez*.



FIGS. 9 A 11 – Em cima, levantamento gráfico da estela-menir do Monte da Ribeira (segundo GONÇALVES, BALBÍN-BEHRMANN e BUENO-RAMÍREZ, 1997).

Ao centro, conjunto de menires amontoados após a despedrega dos terrenos pertencentes ao recinto megalítico do Xarez (arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso).

À direita, estrutura de fundação do grande menir do Xarez (segundo GONÇALVES, 1972).

Tal posição foi muito recentemente reforçada por Victor S. Gonçalves, que, referindo-se ao recinto do Xarez, o caracteriza como “*fabricação da anedota megalítica*” (GONÇALVES, 2013: 13), depois de, já em 1999, se ter referido ao monumento como “*absurdo*” (GONÇALVES, 1999: 58); e o caso não é para menos, já que, se fosse verdadeira a disposição no terreno dos menires em quadrado, seria a única conhecida desse tipo no território português. Com efeito, face ao peso decisivo dos elementos disponíveis, não existem motivos para defesa da hipótese tão acarinhada por Pires Gonçalves, pelo que carece de fundamentação científica a solução adoptada aquando da reposição do conjunto no local onde presentemente se encontra, na sequência do enchimento da barragem do Alqueva. Na verdade, repita-se, apenas do grande menir central se sabia seguramente o local de implantação original.

Tem-se discutido muito a cronologia da erecção destes notáveis monumentos rituais, definidores dos primeiros espaços públicos intencionalmente construídos do território português. Sem embargo de alguns dos monumentos poderem remontar aos finais do Neolítico Antigo, a sua utilização, envolvendo remodelações tanto na forma como na iconografia, como comprova a presença recorrente do báculo, símbolo de poder característico das sociedades do final do Neolítico e do início do Calcolítico, prolongou-se no tempo, havendo indícios de que nos primeiros séculos do 3.º milénio a.C. possam ter sido objecto de deliberada destruição, por motivos provavelmente de carácter religioso: é o caso do conjunto dos Almendres (Évora), o primeiro a ser identificado e sem dúvida o mais importante de todos, e de outros do concelho de Reguengos, como o dos Perdigões, segundo a opinião de Mário Varela Gomes.

4. O RETOMAR DAS INVESTIGAÇÕES DOS DÓLMENES NOS FINAIS DO SÉCULO XX E INÍCIOS DO NOVO SÉCULO

As investigações do rico megalitismo funerário de Reguengos reiniciaram-se cerca de 30 anos depois das escavações de Henrique Leonor Pina, por Victor S. Gonçalves. Chamado a Reguengos para acudir a acções de preservação do seu rico património dolménico, logo tomou contacto com o preocupante estado de conservação da anta 2 do Oli-

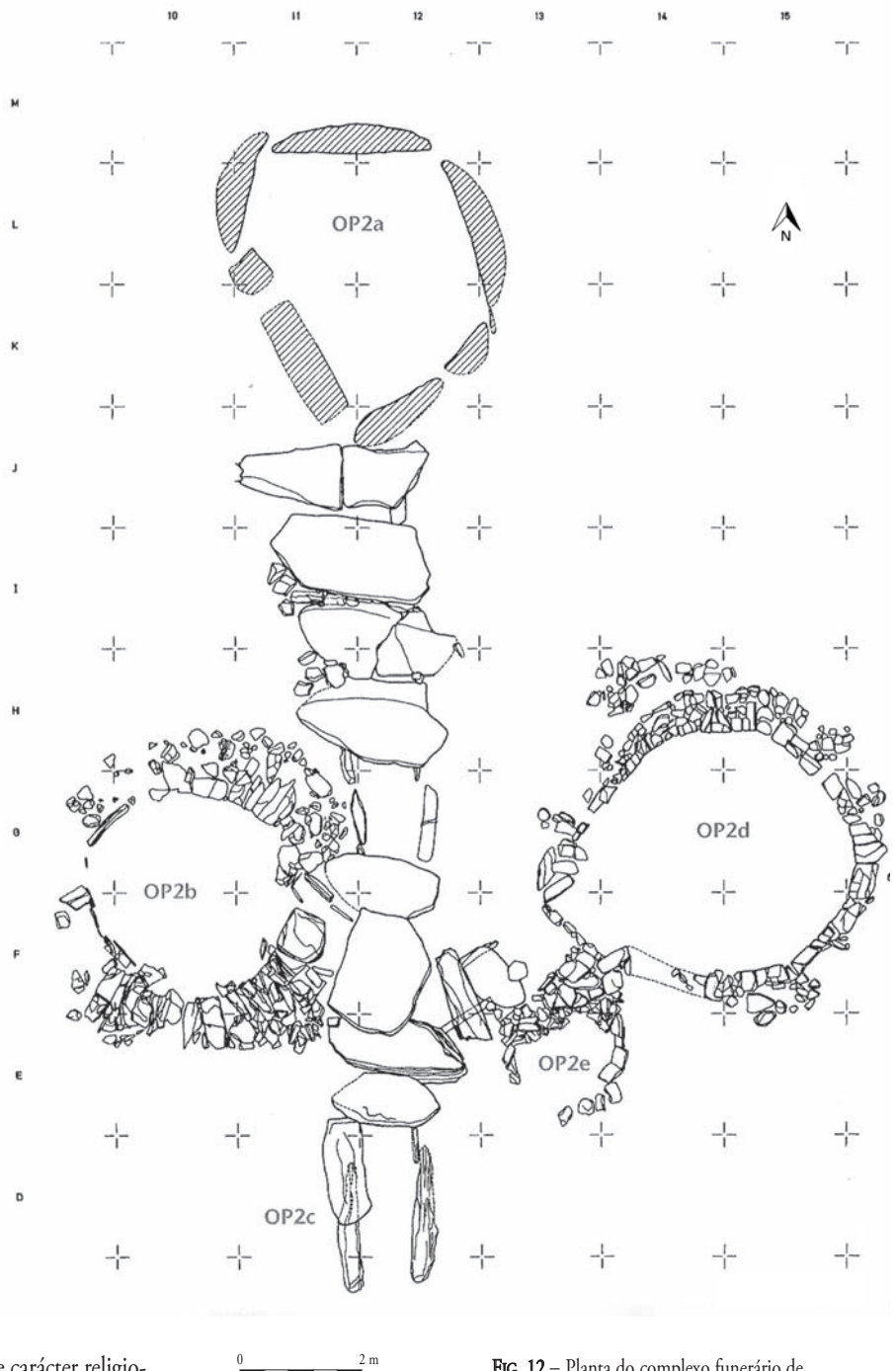


FIG. 12 – Planta do complexo funerário de Olival da Pega 2 (segundo GONÇALVES, 1999).

val de Pega, uma enorme estrutura de câmara poligonal e longo corredor, corporizando a fase terminal do megalitismo de Reguengos. A sua escavação, iniciada em 1990, viria a prolongar-se por vários anos, dando origem a notáveis resultados, infelizmente ainda não publicados como merecem. Contudo, a exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia em 1999, de que existe catálogo circunstanciado (GONÇALVES, 1999), dá bem a imagem da importância dos trabalhos efectuados, com a identificação de estruturas anexas com cobertura em falsa cúpula, com destaque para OP2b, idênticas às que se encostaram aos dólmenes de Comenda e de Farisoa já antes identificados (Fig. 12). Interessante é também a prática de rituais de fogo, com a cremação parcial dos corpos e a alteração correlativa de muitas peças do espólio.

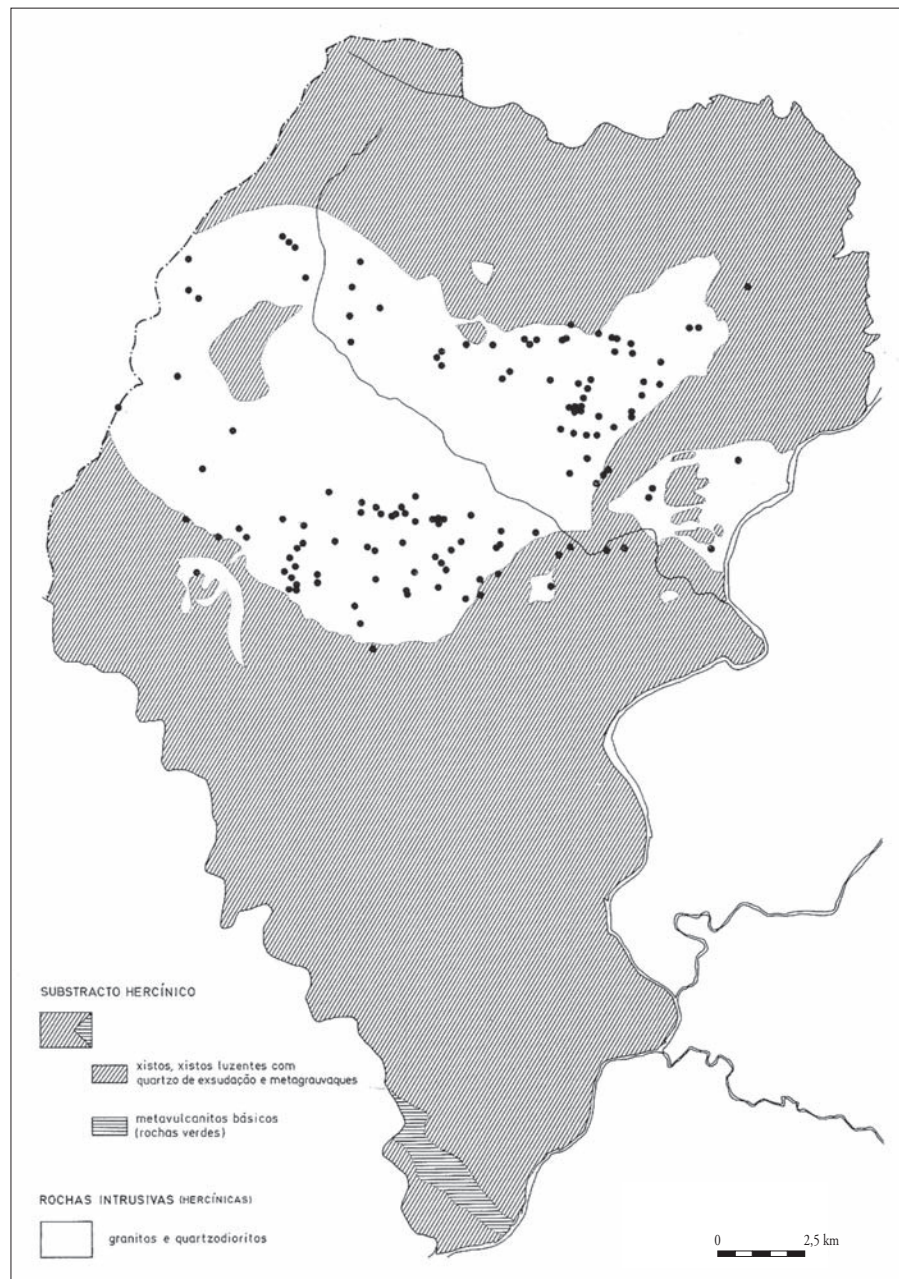
FIG. 13 – Relação entre a natureza do substrato geológico e a distribuição de monumentos megalíticos (segundo GONÇALVES, 1992).

O interesse de Victor S. Gonçalves pelo megalitismo de Reguengos explica a publicação, pouco tempo depois do início das suas investigações na região, de um interessante trabalho de natureza en-saística (GONÇALVES, 1992), logo seguido de uma síntese dos conhecimentos então disponíveis sobre tal matéria na-quele início da década de 1990 (GONÇALVES, 1994). O Autor, entre muitas ou-tras questões, como a da cronologia abso-luta da construção dos monumentos fu-nerários e rituais, e o significado econó-mico e social da evidência arqueológica então disponível, abordada como um to-do coerente, incluindo as áreas de habita-ção, até então quase desconhecidas, e que são interpretadas à luz da fertilidade dos solos respectivos, discute a correlação en-tre a distribuição dos dólmenes e a geolo-gia, sendo, pela primeira vez, evidenciada essa estreita dependência (Fig. 13). Tal realidade tem explicação simples: havia,

por um lado, maior ocupação dos solos quartzodioríticos, mais aptos à agricultura incipiente de então, por oposição aos pobres solos de xisto, o que justificava maior presença populacional naqueles domínios; e, por outro lado, os afloramentos daquelas rochas permitiam a obtenção de grandes blocos propícios à construção de monumentos de grandes dimensões, situação que não se verifica com os afloramentos xistosos.

Outra relação interessante também discutida é a da orientação dos corredores dos monumentos para o quadrante de SE, ou seja, para o nascer do Sol, permitindo assim admitir que essa orientação configu-rasse o ressurgimento dos mortos para uma nova vida, simbolizada pelo nascer do Sol, fonte de vida, diariamente reafirmada.

Nos inícios da década de 1990, mercê da fugaz actividade da Fun-dação Convento da Orada, houve a oportu-nidade de uma outra equi-pa, dirigida por Mário Varela Gomes, desenvolver, paralelamente, tra-balhos em diversos monumentos megalíticos funerários. Em 1992, foi explorada a anta da Belhòa, ou Bulhòa, perto da povoação de



Telheiro e do menir com o mesmo nome, visitado anualmente por milhares de turistas. Localizada pelos Leisner, aquela anta possuía apenas um esteio visível, ao qual a escavação veio somar um outro (GOMES, 1997b). Dos restantes, reconheceram-se as respectivas fun-dações. Os espólios sugerem um monumento primitivo, de corredor simples de 1+1 esteios, reutilizado ulteriormente, como comprovam as diversas placas de xisto, todas fragmentadas, ali recolhidas.

De muito maior importância foram os resultados obtidos por equipa dirigida por Victor S. Gonçalves nas escavações das antas de 2 e 3 da Herdade de Santa Margarida, respectivamente em 2000 e em 2001, em risco de serem irremediavelmente destruídas, tal qual o verificado com a anta 1. É indiscutivelmente a anta 3 a que ofereceu maiores in-formações, proporcionando a edição de uma monografia exemplar (GONÇALVES, 2003a).

Trata-se de um monumento com câmara de sete esteios, com cor-reedor simples, reconstruído nos últimos séculos do 3.º milénio a.C., conferindo-lhe aspecto vagamente cistóide.

Foram identificadas duas fases de utilização. A primeira, situada pelo carbono 14 entre 2900 e 2500 cal BC, corresponde à construção do monumento e à deposição de uma bela placa de xisto recortada, decorada em ambas as faces (Fig. 14), colocada sobre o peito de uma das tumulações efectuada entre 2920 e 2870 cal BC. Trata-se de um dos raros exemplos em que se pode associar uma destas peças a uma tumulação simples. A segunda fase de ocupação desta anta foi datada entre 2280 e 2120 cal BC, a partir dos restos de duas deposições funerárias, uma delas correspondente a mulher cujo tipo de desgaste dos dentes e as deformações das mãos sugeriram uma actividade dominante como costeira, acompanhada de um cão, um animal de porte médio, próximo do de um pastor alemão. Tendo presente as datações obtidas para a *tholos* OP 2b, cuja fase mais importante de ocupação se situou entre cerca de 2900 e 2500 cal BC, conclui-se que houve clara contemporaneidade entre as tumulações efectuadas nos dois monumentos, os quais, embora de tipologias completamente distintas, foram utilizados por comunidades portadoras da mesma cultura material. Esta questão é de grande relevância, no quadro da discussão da eventual existência de duas comunidades calcolíticas diferenciadas no Alto Alentejo, correspondendo uma delas aos construtores das *tholoi*, oriundos da Andaluzia, conotáveis com os prospectores e metalurgistas do cobre. Ao contrário, a utilização da anta 2 da Herdade de Santa Margarida terminou antes do início da ocupação da anta 3, já que foi situada pelo radiocarbono entre 3340 e 2900 cal BC.

Entretanto, com a reactivação da construção da barragem de Alqueva, e por via das directivas comunitárias em matéria de estudos de impacto ambiental, resultou, pela primeira vez depois dos Leisner, uma actuação programada e sistemática no concernente à identificação, inventariação e caracterização do património arqueológico situado na área da albufeira, cuja primeira fase decorreu em 1984 e 1985, conduzindo ao estabelecimento do “Quadro Geral de Referência”. No que concerne ao megalitismo do concelho de Reguengos, foram então identificados dois novos monumentos megalíticos, por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, o monumento cistóide da Herdade da Capelinha, depois escavado por Victor S. Gonçalves, cuja ausência de espólio impediu discussão acerca da cronologia desta estrutura, e o monumento megalítico do Monte Novo do Piornal, igualmente explorado por aquele arqueólogo, o qual, como o anterior, era desprovido de qualquer espólio; poderá corresponder a um monumento inacabado, do qual não terá sido construído o corredor.

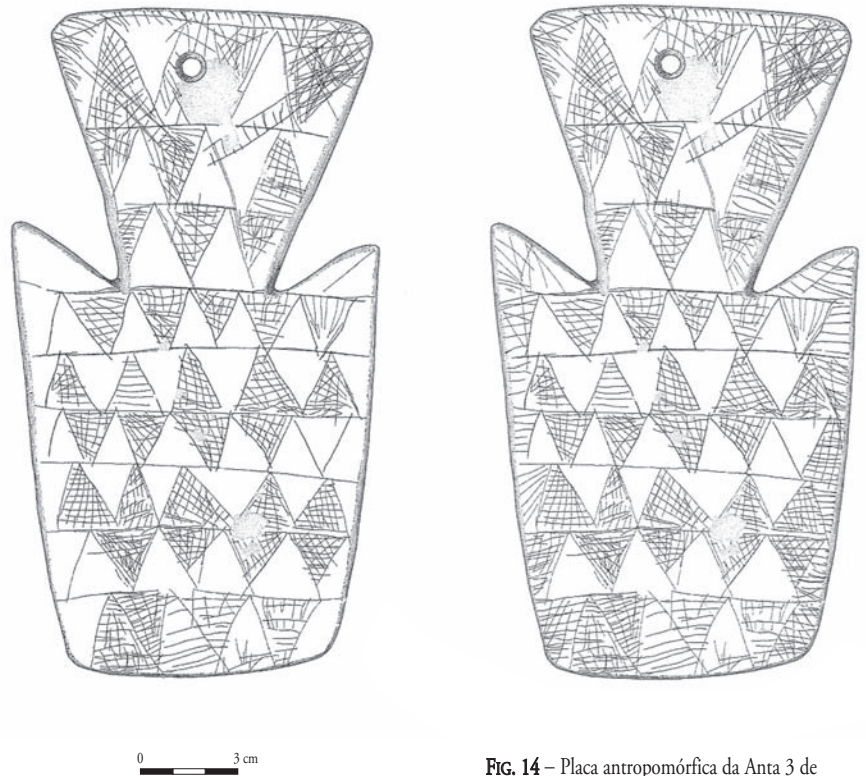


FIG. 14 – Placa antropomórfica da Anta 3 de Santa Margarida (segundo GONÇALVES, 2003a).

A existência de monumentos dolménicos inacabados não é caso único: em Alcoutim, explorei com Alexandra Gradim um monumento nessas circunstâncias, o qual no referido trabalho foi comparado com os escassos casos semelhantes de que se teve conhecimento (CARDOSO e GRADIM, 2010). A arquitectura atípica do monumento pode ter sido o motivo que levou os Leisner a não lhe terem dado qualquer importância, omitindo-o do inventário, pois que dificilmente podiam deixar de o ter visto, como bem salienta Victor S. Gonçalves, na sua recente obra, que tive o prazer de apresentar em Março de 2014, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (GONÇALVES, 2013). A publicação desta importante monografia sucedeu-se a um trabalho de síntese sobre a temática, da responsabilidade do mesmo autor, publicado mais de dez anos antes (GONÇALVES, 2002).

A obra referida corporiza uma das consequências mais positivas, do ponto de vista arqueológico, da construção do Alqueva no concelho de Reguengos de Monsaraz, ao publicar os resultados das escavações efectuadas em seis dólmenes do sector oriental do município, directamente atingido pelo regolfo da barragem: para além dos dois referidos, foram escavados sob orientação de Victor S. Gonçalves os monumentos de Piornal 1, 2 e 3 e a anta 1 da Herdade do Xarez. A mais importante conclusão resultou da escavação das antas de Piornal 1, 2 e 3, situadas no limite oriental do megalitismo de Reguengos, e da sua aparente antiguidade e coerência, tanto do ponto de vista arquitectónico (câmaras poligonais e corredores simples de tipologia 1+1), como dos respectivos espólios, caracterizados pela associação de artefactos

FIG. 15 – Anta 1 da Herdade do Xarez (segundo GONÇALVES, 2013).



tos de pedra polida de tipologia arcaizante a geométricos, com total ausência de pontas de seta e de placas de xisto. Seriam espaços de utilização restrita, individual ou monofamiliar, cuja cronologia abarcaria talvez os últimos três séculos do IV milénio a.C. A transformação da anta 1 da Herdade do Xarez, que fazia parte do conjunto anterior (Fig. 15), já nos primórdios do III milénio a.C., de espaço individual ou destinado a escasso número de corpos, em verdadeiro espaço colectivo, encontra-se

denunciada pela ocorrência de um número mínimo de 44 placas de xisto, correspondentes a outras tantas tumulações.

O Autor coloca a hipótese de estes primeiros grupos de construtores de megálitos registados até ao presente na região terem vindo dos lados do Guadiana, onde se conhecem ocupações meso-neolíticas, ocupando durante um primeiro momento as franjas da futura área megalítica, sem prejuízo de, no interior da mesma, se encontrarem monumentos de idêntica tipologia e cronologia, ou até eventualmente mais antigos, cujo paradigma é a anta 1 do Poço da Gateira, explorada e devidamente valorizada por G. e V. Leisner, até por ter sido o único monumento que eles encontraram com o interior praticamente intacto, como atrás se referiu (LEISNER e LEISNER, 1951).

Na verdade, a ter-se verificado a expansão do grupo construtor destes monumentos para ocidente, tal seria fenómeno instantâneo, não detectável ao nível do registo arqueológico, dada a exiguidade dos territórios e o curto tempo envolvido. Nesta óptica, o Autor conclui acertadamente que não se afigura necessário (nem possível) falar, no concernente ao megalitismo de Reguengos, de centros e de periferias megalíticas, mas sim de um eventual deslocamento generalizado do eixo de povoamento das margens adjacentes do Guadiana, povoadas no Mesolítico Final / Neolítico Antigo, por via de movimento rápido, não detectável ao nível arqueológico, para as férteis terras dos campos rasos (parafraseando os Leisner) do substrato quartzodiorítico do actual concelho de Reguengos de Monsaraz, como mostram os 135 monumentos dolménicos até ao presente ali registados.

Aquela conclusão, que remata a obra, é de grande interesse, por ilustrar de forma concludente a fase mais antiga até agora arqueograficamente caracterizada do megalitismo de Reguengos, que até ao presente era mal conhecida, em resultado do aturado estudo arqueográfico dos monumentos investigados, constantes da presente publicação, paradigmática sob vários pontos de vista.

5. E OS VIVOS, ONDE ESTAVAM?

Só tardiamente, por razões compreensíveis, resultantes da monumentalidade dos dólmenes, contrapondo-se à total falta de visibilidade da larga maioria dos sítios habitados, estes últimos foram objecto de identificação na região de Reguengos. Como não podia deixar de ser, foram os locais altos, evidenciados na paisagem, os primeiros mencionados na bibliografia. É o caso da publicação de Afonso do Paço e de José Pires Gonçalves dedicada ao Castelo Velho do Degebe, datada de 1962 (PAÇO e GONÇALVES, 1962), na sequência dos trabalhos iniciados pelo primeiro dos citados arqueólogos no Castelo do Giraldo (Évora), onde identificou uma ocupação calcolítica. Porém, aqui, em vez de uma presença pré-histórica, os escassos reconhecimentos então realizados vieram evidenciar épocas mais modernas, já da Proto-História. Assim, embora os testemunhos da presença humana de carácter residencial fossem numerosos – atente-se à presença dos elementos de moagem, que a par e passo apareciam dispersos no terreno, ou

mesmo em peças mais raras, como o polidor rupestre da Herdade da Capela, utilizado para o fabrico de instrumentos de pedra polida (SANTOS e GONÇALVES, 1979) (Fig. 16) –, foi necessário esperar até ao primeiro levantamento arqueológico do Alqueva, realizado entre 1984 e 1985, para se conhecerem os primeiros povoados pré-históricos da região de Reguengos, publicados em 1992 (SOARES e SILVA, 1992). Os mais antigos remontam aos alvares do Neolítico Médio, como é o caso do povoado de Pipas, correlacionável com a primeira fase do megalitismo de Reguengos (inícios do IV milénio a.C.). Outro sítio habitacional, o Outeiro das Carapinhas, é mais moderno, inserindo-se, pelos espólios recuperados, no Neolítico Final e no Calcolítico, sendo assim correlacionável com a fase de apogeu e final do megalitismo de Reguengos. Idêntico enquadramento cronológico-cultural possui o povoado do Marco dos Albardeiros, implantado numa elevação ampla, de encostas suaves, atribuível ao Calcolítico. No mesmo ano de 1992, foi publicado por V. S. Gonçalves e colaboradores, contributo sobre o povoamento da Herdade do Esporão e área circundante (GONÇALVES, CALADO e ROCHA, 1992). A identificação das áreas de povoamento, até então ignoradas, passou a deter particular importância.

Com efeito, em finais de 1989, no âmbito de uma primeira campanha de prospecções intensivas, foram identificados 15 núcleos habitacionais, evidenciados pelas concentrações de espólios à superfície, do Neolítico Médio, Neolítico Final e Calcolítico, por certo relacionados com a presença de monumentos dolménicos que naquela área atingem elevada densidade, cerca de dez por km². Os trabalhos prosseguiram e, no 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, realizado em Monsaraz em 1996, foi apresentada comunicação onde se resumiu a informação disponível, ascendendo a mais de 20 os sítios de carácter habitacional conhecidos até àquele ano (GONÇALVES e SOUSA, 1997a e 2000), nalguns casos objecto de estudos específicos anteriormente publicados, como é o caso de Monte Novo dos Albardeiros (GONÇALVES, 1988-1989), Torre do Esporão (GONÇALVES, 1990-1991) e Areias 15 (GONÇALVES e SOUSA, 1997b). Tal número subiu rapidamente para mais de 50, nos quatro anos seguintes, em consequência do prosseguimento da segunda fase de prospecções sis-

temáticas no âmbito da construção da barragem do Alqueva, situando-se os novos sítios junto ao Guadiana. Dentre estes, avulta o sítio de Xarez 12, com uma presença mesolítica, logo seguida de outra do Neolítico Antigo, caracterizadas por diversos fornos, feitos de barro amassado, destinados a práticas culinárias, em número superior a 30, dos quais os mais antigos eram fechados, conforme comunicação apresentada ao 2.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, realizado em Monsaraz em 2000 (GONÇALVES, 2003b). A publicação recente da monografia dedicada a esta notável descoberta confirma tal afirmação (GONÇALVES, SOUSA e MARCHAND, 2013) (Fig. 17). Deste modo, das prospecções e das escavações dirigidas por Victor S. Gonçalves no concelho de Reguengos, que se juntaram às informações já anteriormente conhecidas, resultou uma nova realidade, constituída pela existência de povoados de diversas épocas e características: – Povoados abertos ocupando amplas áreas, desde o Neolítico Antigo, casos de Xarez 4 e Xarez 12, até ao Neolítico Final / Calcolítico, como é o caso de Areias 15;

FIGS. 16 E 17 – Em cima, polidor rupestre da Herdade da Capela (arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso).

Em baixo, fornos de Xarez 12 (segundo GONÇALVES, SOUSA e MARCHAND, 2013).





FIG. 18 – Fotografia aérea do recinto de fossos dos Perdigões (segundo LAGO *et al.*, 1998).

– Povoados ocupando elevações suaves, de topo aplanado, como é o caso do Marco dos Albardeiros, já anteriormente referido, do Neolítico Final;

– Povoados fortificados com muralhas pétreas, integrando bastiões, representado pelo Monte Novo dos Albardeiros;

– Povoados com fossos, ocupados desde o Neolítico Final, que continuaram ocupados no decurso do Calcolítico. Entre estes, avulta o notável povoado de Perdigões, cujas grandes dimensões e complexidade arquitectónica, corporizada por fossos escavados no solo de diversas épocas, foram ilustrados com grande nitidez pela fotografia aérea (Fig. 18). A surribea realizada em parte da área por ele ocupada, para o plantio de uma vinha, pela Finagra, evidenciou a grande riqueza de espólios (LAGO *et al.*, 1998). Numa atitude exemplar, aquela empresa não só financiou os trabalhos arqueológicos realizados, como soube interpretar a notável importância dos achados, ao prescindir de uma área prevista para a sua actividade agro-industrial, criando assim as condições para o prosseguimento dos mesmos, que, iniciados em 1997, se prolongaram até à actualidade, sob a égide da empresa ERA-Arqueologia. Deste modo, paulatinamente se afirmou como um dos locais de interesse turístico-cultural mais relevantes da região, por via da organização, na Torre do Esporão, de um espaço museológico monográfico de divulgação dos resultados obtidos, acompanhado pela publicação de relevantes contributos científicos, sob a égide de António Valera e colaboradores (VALERA e GODINHO, 2009).

6. CONCLUINDO...

O grande volume da informação acumulada sobre o passado pré-histórico das comunidades neolíticas e calcolíticas que ocuparam o actual concelho de Reguengos de Monsaraz conheceu, já no presente século, um notável acréscimo, por via das informações obtidas no âmbito dos estudos de minimização de impactos do Alqueva. Tais resultados, pela sua magnitude, diversidade e importância científica, justificam e impõem a elaboração de uma síntese actualizada da presença humana pretérita no espaço em apreço, que articule as diversas componentes de tal ocupação: funerária, ritual, habitacional, no seguimento do ensaio seminal sobre tal matéria redigido há precisamente vinte anos (GONÇALVES, 1996). Porque, afinal, como aquele autor reconheceu, trata-se de “*Uma longa história de gentes, boas terras, símbolos e caminhos...*” (IDEM: 93). 🐾

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid), por ter autorizado a reprodução da Fig. 3.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. e GRADIM, A. (2010) – “A Anta do Malhão (Alcoutim) e o «Horizonte de Ferradeira»”. In *7.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2009)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 56-72 (*Xelb*, 10).
- CARREIRA, J. R. e CARDOSO, J. L. (1996) – “Um Conjunto de Litografias Arqueológicas Inéditas da Comissão Geológica de Portugal”. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82: 145-168.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Rheinwald.
- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Descrição de Alguns Dolmens ou Antas de Portugal*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DANIEL, G. (1941) – “The dual nature of the megalithic colonisation of prehistoric Europe”. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. N.S. 7: 1-49.
- FERNANDES, R. M. Rosado (2004) – “Conjunto Megalítico do Xerez que pode ser falso”. *Público*. 18 de Agosto, p. 46.
- FERNANDES, R. M. Rosado (2009) – “O Mistério do Cromleque do Xerez”. In *Estudos em memória do Professor Mário de Albuquerque*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Instituto Histórico Infante Dom Henrique, pp. 987-993.
- GOMES, M. V. (1994) – “Menires e Cromleques no Complexo Cultural Megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão”. In *Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*. Actas. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 317-342 (*Estudos Pré-Históricos*, 2).
- GOMES, M. V. (1997a) – “O Menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988”. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1: 17-37.
- GOMES, M. V. (1997b) – “Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultado da campanha de escavações de 1992”. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1: 39-69.
- GOMES, M. V. (2000) – “Cromleque do Xerez. A ordenação do caos”. *Memórias d’Odiãna*. Beja. 2: 17-190.
- GOMES, M. V. (2003) – *Cromleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico. Relatório de capacidade científica*. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Univ. Nova de Lisboa.
- GONÇALVES, J. P. (1970) – “Menires de Monsaraz”. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX. 2: 151-175.
- GONÇALVES, J. P. (1972) – “Arte Rupestre de Monsaraz”. *Arquivos do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian*. Paris. 5: 489-502.
- GONÇALVES, J. P. (1975) – “Roteiro de Alguns Megálitos da Região de Évora”. *A Cidade de Évora*. Évora. 58 (separata).
- GONÇALVES, J. P. (1976) – “Novos Menires Gravados no Paraíso Megalítico de Monsaraz”. In *V Congresso de Estudos Extremos (Badajoz, 1976)*. Actas, pp. 43-48.
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) – “A Ocupação Pré-Histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugália*. Porto. Nova Série. 9-10: 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1990-1991) – “TESP3: o povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugália*. Porto. Nova Série. 11-12: 53-72.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (*Cadernos da UNIARQ*, 2).
- GONÇALVES, V. S. (1994) – “O Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas”. In *Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*. Actas. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 115-135 (*Estudos Pré-Históricos*, 2).
- GONÇALVES, V. S. (1996) – “Pastores, Agricultores e Metalurgistas em Reguengos de Monsaraz”. *Ophiussa*. Lisboa. 0: 77-96.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz. Territórios Megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. (2002) – “Intervenções Arqueológicas em Monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz na Área a Inundar pela Barragem de Alqueva: um ponto da situação em fins de 2001”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (1): 39-65.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 32).
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – “Comer em Reguengos no Neolítico. As estruturas de combustão da área 3 de Xerez 12”. In GONÇALVES, V. S. (ed.). *Muita Gente, Poucas Antas? II Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000)*. Actas. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 81-99 (*Trabalhos de Arqueologia*, 25).
- GONÇALVES, V. S. (2013) – *No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: EDIA / DRCALEN (*Memórias d’Odiãna*, 2.ª Série, 4).
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (1997a) – “A Propósito do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz e das Origens do Megalitismo no Ocidente Peninsular”. In *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo. Colóquio Internacional (Santiago de Compostela, 1996)*. Actas. Consello de Cultura Gallega / Universidad de Santiago de Compostela, pp. 609-634.
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (1997b) – “Uma Primeira Notícia Sobre a Ocupação Pré-Histórica do Sítio Areias 15 (Reguengos de Monsaraz, Évora)”. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1: 71-97.
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (2000) – “O Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz e a Evolução do Megalitismo no Ocidente Peninsular”. In GONÇALVES, V. S. (ed.). *Muitas Antas, Pouca Gente? I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 1996)*. Actas. Lisboa: IPA, pp. 11-104 (*Trabalhos de Arqueologia*, 16).
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R. e BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) – “A Estela-Menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal)”. *Brigantium*. 10: 235-254.
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M. e ROCHA, L. (1992) – “Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10: 391-412.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. e MARCHAND, G. (2013) – *Na Margem do Grande Rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio*. Évora: EDIA / DRCALEN (*Memórias d’Odiãna*, 2.ª Série, 12).
- LAGO, M. et al. (1998) – “Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (1): 45-104.
- LEISNER, G. (1940) – “O Dolmen de Falsa Cúpula de Vale de Rodrigo”. *Biblos*. Coimbra. 20: 23-52.
- LEISNER, G. (1942) – “Probleme der östlichen ausbreitung der portugiesischen megalithcultur”. *Ethnos*. Lisboa. 2: 1-21.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- PAÇO, A. do e GONÇALVES, J. P. (1962) – “Castelo Velho do Degebe (Reguengos de Monsaraz). 1. Reconhecimento preliminar”. In *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. Actas. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Secção VII. História e Arqueologia, pp. 347-351.
- PINA, H. L. (1961) – “A Anta da Herdade do Duque”. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1-2): 13-26.
- PINA, H. L. (1963) – “A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19 (1): 25-46.
- PINA, H. L. (1971) – “Novos Monumentos Megalíticos do Distrito de Évora”. In *II Congresso nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional de Educação. Vol. 2, pp. 151-162.
- SANTOS, M. Farinha dos e GONÇALVES, J. P. (1979) – “O Polidor Rupestre num. 1 da Herdade da Capela”. In *XV Congresso Nacional de Arqueologia (Lugo, 1977)*. Actas. Zaragoza, pp. 375-384.
- SOARES, J. e SILVA, C. Tavares da (1992) – “Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10: 37-88.
- VALERA, A. e GODINHO, R. (2009) – “A Gestão da Morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17: 371-387.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1889 e 1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos prehistóricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vols. 3 e 4.
- VIANA, A. e FERREIRA, O. da Veiga (1956) – “L’importance du cuivre péninsulaire dans les Ages du Bronze”. In *IV Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Actas. Zaragoza, pp. 521-533.